



A EDITORA BOITEMPO E A ESFERA PÚBLICA ALTERNATIVA: INTELECTUAIS E MÍDIA RADICAL NA LUTA CONTRA-HEGEMÔNICA

Rafael Bellan Rodrigues de Souza¹

RESUMO: A Editora Boitempo possibilita a um conjunto de intelectuais do campo crítico a inserção de seus debates em uma esfera pública alternativa. Além de publicar obras de autores expressivos da esquerda brasileira e mundial, a editora cultiva mídias radicais no sentido de estabelecer um contrapoder na sociedade civil. Ao desafiar a hegemonia por meio da busca por um espaço de contra-hegemonia no pensamento social, nesses últimos vinte anos a Boitempo se afirmou como uma fértil rede da intelectualidade de esquerda. A crise política de 2016 é um momento ímpar para evidenciar o papel da editora na divulgação de ideias contra-hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE: *Intelectuais. Mídia Radical. Hegemonia. Editora Boitempo.*

ABSTRACT: Boitempo Publisher enables a group of intellectuals critical field the inclusion of their discussions in an alternative public sphere. In addition to publishing works of significant authors of the Brazilian and global left, the publisher cultivates radical media to establish a counter-power in civil society. By challenging the hegemony through the search for a counter-hegemony space in social thought in the past twenty years, the Boitempo is a fertile network for a left intellectuality. The political crisis in 2016 is a unique moment to highlight the role of the publisher in the dissemination of counter-hegemonic ideas.

KEYWORDS: *Intellectuals. Radical Media. Hegemony. Boitempo Publisher.*

¹ Pesquisador de Pós-doutorado no Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA/USP, Doutor em Ciências Sociais pela Unesp - Araraquara, Mestre em Comunicação e Jornalista pela Unesp - Bauru. É professor Adjunto do curso de Comunicação Social - Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: rafaelbellan@yahoo.com.br

Introdução

Tendo como referência a tradição do pensamento marxista, uma sociedade de classes congrega um sistema de exploração concretizado do ponto de vista econômico, material, mas também uma esfera em que a dominação física e corpórea é auxiliada, e aprimorada, pela instauração de uma estabilidade ideológica consensual. O poder de coesão, conectado ao consenso, estabeleceria nas subjetividades estranhadas dos sujeitos sociais o predomínio de uma visão de mundo e de convívio social. A constituição de uma hegemonia, compreendida aqui como a direção moral e intelectual de uma sociedade (Gramsci, 2001), mas também reinterpretada como uma prática vivida pelos sujeitos sociais (Williams, 1979), possui uma articulação muito grande com figuras denominadas intelectuais. Um bloco histórico dominante consegue obter seu domínio por meio do consenso social, o que depende muito das ideias articuladas e difundidas por eles na esfera pública. Contudo, nunca uma hegemonia é total e exclusiva, sendo constantemente questionada por visões e representações alternativas e/ou contra-hegemônicas.

As mutações dadas pela expansão de um novo complexo comunicativo reticular não extinguiu, pelo contrário, alterou a capilaridade de aparelhos privados de hegemonia, ampliando a arena de disputa dos sentidos sociais. Personagens chave da constituição dessas ideias e práticas, cujos discursos refratam uma realidade a ser vivenciada, os intelectuais expressam conhecimentos que, enquanto visões sociais de mundo, objetivam controlar o metabolismo social.

Investigaremos neste artigo o papel da Editora Boitempo na elaboração de uma esfera pública alternativa, sendo ela polo organizador de produções editoriais no campo das diversas vertentes da esquerda, mas também enquanto proponente de debates contra-hegemônicos divulgados em diversas mídias radicais (Downing, 2002), como um blog, um canal no *Youtube*, mas também na divulgação de ideias pelas redes sociais e feiras literárias.

A Editora assume a função de polo educador crítico, expressando ideias dos mais proeminentes intelectuais contra-hegemônicos do Brasil, mas também como um canal de expressão de pensadores internacionais voltados para a restauração de um projeto coletivo de transformação social, o que torna a Boitempo um agente social

coletivo que, via mídias radicais alternativas, delimita um significativo campo intelectual de contrapoder no Brasil.

Congregando diversas modalidades de engajamento intelectual, evidentemente circulando como satélites das suas produções editoriais, a Boitempo proporciona a um conjunto de pensadores e ativistas a inserção de seus debates em campos variados que vão da universidade, passando pela mídia e, muitas vezes, resvalando pelas ruas. Como eixo aglutinador de uma cultura intelectual capaz de fazer oposição à hegemonia burguesa e patrimonial brasileira, seu destaque permite uma reflexão sobre o papel das esquerdas no debate público nacional. O contexto da crise política que toma conta do país desde o afastamento forçado da presidente eleita Dilma Roussef em 2016 é um momento ímpar para evidenciar o papel da editora na construção e divulgação de ideias contra-hegemônicas.

Intelectuais e esfera pública alternativa

O intelectual moderno, segundo Oliveira (2001) passa por um momento de autonomização das formas tradicionais de conhecimento e se constrói no papel de formulador de um espaço público em que as ideias possam circular sem o crivo do Estado e da Igreja. Todavia, longe de um processo que deixa de lado os poderes tradicionais, o próprio conhecimento vai se tornando, com o passar das décadas, um eixo de dominação via saber, mesmo quando contraditoriamente apresenta-se no novo mundo como capaz de gerar mudanças sociais. Com a especialização cada vez maior, passa a existir os detentores “oficiais” do saber. Nesse contexto, os novos conhecimentos canalizam novas formas de dominação e poder, aproximando os peritos dos setores produtivos e aprimorando formas cada vez mais díspares de controle do metabolismo social reprodutivo.

Contrariamente à ideia de ampliação da esfera pública via saberes disseminados, o que aparece na história humana é um movimento de contenção de saberes, tornados mercadoria no contexto de industrialização dos meios de comunicação e restritos nos muros das cátedras universitárias. O saber se institui não mais pela expansão do conhecimento irrestrito, mas pelas apologias do sistema vigente e pelo desenvolvimento de um aprimorado mecanismo de controle. “Um dos tópicos canônicos da história intelectual moderna foi o desenvolvimento de discursos dominantes e tradições

disciplinares nas principais áreas de investigação científica, social e cultural” (Said, 2011, p.65).

Conhecimento e poder, portanto, não são excludentes, pelo contrário, nas sociedades modernas o papel das ideias na articulação e resolução de conflitos e contradições sociais se amplia. O pensamento dominante torna-se hegemônico em uma relação dialética existente entre o saber criado e cultivado pelos artistas, cientistas, jornalistas, professores, líderes políticos, etc, e a direção intelectual de uma dada sociedade.

Os intelectuais são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso “espontâneo” dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce “historicamente” do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura “legalmente” a disciplina dos grupos que não “consentem”, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo (GRAMSCI, 2001:21).

Na visão de Estado Ampliado gramsciano o papel dos intelectuais como fomentadores, na sociedade civil, de ideias capazes de serem geradoras de consenso articula-se também na institucionalidade dada em aparelhos privados de hegemonia, esferas capazes de distribuir a produção de sentido elaborada ou difundida por esses agentes. O intelectual, contudo, ao ser visto como um mediador entre conhecimentos e um agrupamento de sujeitos, pode também ter o papel de desestabilizar as retóricas, os falsos consensos e a direção moral e intelectual estabelecida no contexto de uma apologia generalizada do capital.

Em síntese, a análise de Gramsci detém-se na demonstração do papel – conservador ou transformador – do intelectual como figura que organiza a cultura e os homens; que articula o centro do aparelho estatal de poder com o restante do corpo social; e que ao produzir ideologia fornece consciência e homogeneidade às classes que representa (BEIRED, 1998:127).

Uma boa leitura do filósofo do cárcere nos permite afirmar que o papel dos intelectuais contra-hegemônicos seria de ampliar a apreensão subjetiva das contradições presentes na estrutura social. Uma reforma intelectual e moral seria o objetivo dos

lutadores sociais e deveria ser viabilizada pelos seus representantes ideológicos, os intelectuais orgânicos das classes subalternas. Essa expressão orgânica da intelectualidade, bem como o entendimento das disputas pela direção moral, faz parte do universo categorial gramsciano no sentido de uma guerra de posição, ou seja, a estratégia ocidental para uma revolução do modo de produção capitalista. Não obstante, essa tarefa envolve tanto uma complexidade histórica ímpar, quanto a proeminência de sujeitos históricos capazes de levá-la a cabo.

Quase sempre no olho do furacão das contendas ideológicas-culturais, os intelectuais não escapam de dilemas e percalços. Ora veem-se enredados pelos arranjos das classes dominantes para deter uma participação popular mais intensa na vida social e neutralizar questionamentos à lógica do mercado como instância de organização societária, ora enfrentam pressões para adequar seus propósitos a circunstâncias políticas (MORAES, 2016:212)

Também em chave gramsciana, Beired (1998) aponta a indissociabilidade existente entre a atividade intelectual e o conjunto de classes sociais com seus respectivos projetos societários ao qual está enlaçada, ou seja, o intelectual é um sujeito socialmente determinado que desempenha funções de liderança nos processos simbólicos de narrativa da ordem social. Ao analisarmos a história da intelectualidade brasileira, é candente essa expressão, sendo que a relação da expressão de um pensamento nacional, seja progressista ou afirmador das demandas da burguesia nacional ascendente, sofreu por muito tempo a doença de uma espécie de colonialidade crônica. Segundo Moraes (2016) os intelectuais brasileiros

equilibram-se numa corda bamba entre os ideários estéticos, as convicções filosóficas, a produção de conhecimentos, a crítica político-cultural e as dificuldades de sobrevivência em um país onde suas atividades prosperam em torno da vida acadêmica, da mídia, do serviço público e de apoios governamentais (MORAES, 2016, p. 211).

Com a ampla mediatização da esfera pública, entendida aqui como “a infraestrutura para a constituição de opiniões políticas” (Marcondes Filho, 2009:24), o papel dos intelectuais tem se modificado, visto que a arena de disputas pela direção moral e intelectual se colocam nos aparelhos privados de hegemonia entroncados na noção de mídia. Ianni (1999), colocando-se como continuador das ideias de Maquiavel e

Gramsci, expressa a atualidade do “Príncipe eletrônico”, que em linhas gerais, evidencia como a comunicação eletrônica tornou-se espaço de disputas políticas. Com a internet, coloca-se um novo problema, dado que as possibilidades de protagonismo se ampliam, sendo, contudo, acompanhados na mesma medida pela saturação informacional.

Esse movimento do real nos escapa sob toneladas de informações. No momento em que a transformação do conhecimento, – na verdade seu simulacro –, se reduz à informação, o que acontece com o intelectual? E, na outra ponta, o que acontece com o espaço público? O intelectual deixou de ser intelectual; é um comunicador (OLIVEIRA, 2001:128).

Surgem no novo contexto novas expressões de intelectuais, nos quais se destacam os jornalistas, comentaristas, mas também sujeitos até então anônimos, mas que conseguem arregimentar um público no sentido de encampar suas ideias no senso comum (o fenômeno dos *Youtubers* é uma novidade dessa conjuntura). Embora também se abra um potencial de novos seres comunicantes se expressarem no campo digital, não é a tecnologia que vai garantir uma democratização da esfera pública midiática, visto que a hegemonia se constrói por meio de diversificados aparelhos privados de hegemonia, o que, concordando com Lima (2004), não nega sua centralidade nos dias de hoje.

110

A maior parte dos espaços de opinião na mídia está preenchida por dois tipos de intelectuais: aqueles formados dentro das próprias empresas, em sintonia com determinados princípios ideológicos e medidas de valor; e aqueles escolhidos pelas organizações midiáticas para exercer autoridade cultural a partir de suas especializações profissionais ou acadêmicas, fornecendo um quadro explicativo da realidade alinhado ao establishment, ao mercado e a interesses empresariais, em conexão com a defesa de um ideário político tendencialmente favorável ao conservadorismo. (Moraes, 2016:116)

Todavia, como aponta Williams (1979) uma direção moral e intelectual nunca será exclusiva e total, sendo sempre questionada por visões alternativas, sofrendo tensões que abalam seu domínio. Um conceito que explora as diversas expressões da comunicação que atua contra-hegemonicamente é o de mídia radical alternativa, exposto por Downing (2002). Em suas linhas gerais, pode-se defini-la como “a mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (p.21). Dessas mídias, valem-se grupos de oposição que pretendem transformar a sociedade. O intelectual

orgânico de Gramsci, para Downing (2002), poderia ser interpretado como o comunicador/ativista que se integraria às classes subalternas para o fomento de uma contra-hegemonia, ou melhor, de uma nova cultura e de uma nova prática comunicacional, que se oporia aos intelectuais organicamente ligados ao bloco histórico dominante.

Parece-nos que a Editora Boitempo é um sujeito coletivo do debate amplo na sociedade no sentido de uma reforma moral e intelectual sendo, nesse ínterim, criadora de uma esfera pública alternativa, espaço de contrapoder. Isso se dá no trabalho editorial de publicação de obras de intelectuais alternativos, como também em um uso expressivamente criativo e bem sucedido das mídias radicais.

A Editora Boitempo e suas mídias

Seguindo o legado do pai, um militante comunista, editor e livreiro que teve uma editora nos idos dos anos 60, Ivana Jinkings resgatou o nome Boitempo do antigo empreendimento (referência a um poema de Carlos Drummond de Andrade) e em 1995 lançou seu projeto editorial, estreando nas livrarias com a obra *Napoleão*, de Stendhal (1995). Dai pra frente trouxe para o cenário bibliográfico brasileiro obras de figuras proeminentes do pensamento marxista e da esquerda em suas mais variadas expressões. As reedição das obras de Marx e Engels, a Biblioteca Lukács e os trabalhos de István Mészáros ganham destaque nessa produção. Na lista dos mais vendidos pela editora, estão também obras de ficção, entre elas, *O homem que amava os cachorros* de Leonardo Padura (2013). A Boitempo ainda possui no seu catálogo traduções de autores-chave da esquerda mundial, como Slavoj Žižek, Julian Assange, Giorgio Agambem, Jacques Rancière, Edward Said, Raymond Williams, Perry Anderson, Domenico Losurdo, Daniel Bensaïd, Alain Bihr, Walter Benjamin, Wendy Godman, Angela Davis, David Harvey, Mike Davis, só para ficar entre os mais famosos. Já os brasileiros, destacam-se Francisco de Oliveira, Michel Löwy, Ricardo Antunes, Paulo Eduardo Arantes, Ruy Braga, Christian Dunker, Maria Rita Kehl, Leda Paulani, Maria Orlanda Pinassi, André Singer, Luis Bernardo Pericás, Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho.

Por trazer ao Brasil autores do campo crítico e disponibilizá-los em língua portuguesa a editora cumpre um papel intelectual semelhante, dado as devidas proporções, ao tomado pela Editora Brasiliense, fundada por Caio Prado Jr. e a

Civilização Brasileira. Promove, como suas antecessoras históricas, um espaço de divulgação das principais referências bibliográficas do pensamento crítico contemporâneo. Sem ser dogmática, nem partidária, atingindo com seu vasto catálogo obras que vão da economia, psicanálise, filosofia, sociologia, até trabalhos de estudos culturais e comunicação, a editora tem se destacado por protagonizar um ressurgimento da esquerda nos ambientes acadêmicos. Mas, sobretudo, atuando em outras esferas além da mera publicação dessas importantes obras, a editora destaca-se como indutora, na esfera pública, dessa intelectualidade contra-hegemônica. Utiliza-se para isso de diversos espaços, consolidando-se como agitadora cultural e criadora de canais de mídia radical alternativa.

Nós percebemos que a comunicação com o público é essencial no processo de formação e ampliação do público-leitor e por isso investimos fortemente em eventos, imprensa e redes sociais (a Boitempo é a editora brasileira com o maior número de inscritos em canal próprio no YouTube) com o intuito de levar a obra e o pensamento dos nossos autores para mais pessoas. Isso é positivo não apenas para a editora, que acabou se consolidando como “a casa do pensamento crítico”, mas também para o leitor, que ganha outros textos e outras formas de acesso às obras e ao pensamento dos autores que publicamos, já que as gravações e os textos produzidos nesses eventos são depois disponibilizados no blog (JINKINGS, 2016).

Esse epíteto de “casa do pensamento crítico” deve-se muito a atuação da Editora Boitempo na promoção de debates com os autores de suas publicações, além dos seminários, palestras e cursos, dentre os quais o Curso Marx e Engels, que já teve quatro edições realizadas. Assim, a produção desses intelectuais se expressa para além de suas obras, visto que seus pensamentos espraiam-se nos cursos presenciais, mas também nas exibições no canal da editora no *Youtube*.

Ao popularizar esses autores do campo crítico, bem como suas iniciativas políticas de esquerda, a editora colabora para a ampliação de ideias e utopias, e debate projetos de país, permitindo, contra-hegemonicamente, outras formas de pensar o Brasil e o mundo. Assim, a editora é agente de disputas ideológicas e cultivadora de espaços de formação. Ao aproximar intelectuais brasileiros e pensadores internacionais, a Boitempo permite o acúmulo de uma massa crítica de dimensão mundial, participando do mapa de circulação de intelectuais no globo. Disseminar debates para além dos muros acadêmicos também é foco do trabalho editorial que, mesmo centralizado na

mercantilização dos livros, possibilita acumular conhecimentos no sentido de uma reforma intelectual e moral.

Proponente de uma cultura de esquerda e produtora de espaços alternativos de reflexão em tempos de crise, a editora torna-se uma referência de esquerda e dialoga com amplos setores da sociedade pela construção de uma nova hegemonia cultural. O papel das mídias radicais é relevante ao permitir a difusão ampla das análises dos intelectuais e militantes, sendo que alguns canais são formadores de um campo alternativo de ideias. O canal da editora no *Youtube*, a TVBoitempo, é bastante relevante nesse aspecto, com 451 vídeos disponíveis, 27264 inscritos no canal, e quase dois milhões de visualizações desde sua criação em outubro de 2009. O vídeo mais visto trata-se de um debate sobre o processo político brasileiro, seguido por edições do curso Marx e Engels. Na maior parte dos vídeos, as transmissões dos seminários e palestras comprovam a vertente educativa da editora. Aliados aos *booktrailers*, há também depoimentos dos autores sobre acontecimentos específicos, que atuam como comentadores das pautas sociais mais marcantes da sociedade brasileira, como os processos eleitorais, as movimentações no período pré-impeachment, etc. Eles compõem a seção Drops, em que também são disseminadas análises breves de obras da editora. Esses são um prato cheio para a divulgação em redes sociais como *Twitter* e *Facebook*.

Na esfera dessas redes sociais, são compostos “memes” (conceitos propagados em imagens) politizados – a maior parte com efemérides dos autores e pensadores da casa - e também textos do Blog da Boitempo, que são compartilhados por muitos leitores. Para se ter uma ideia do impacto da editora nas redes, alguns números são importantes: 110 mil curtidas no *Facebook*, 9225 seguidores no aplicativo fotográfico *Instagram*, 8100 seguidores no *Twitter*. Além do material compartilhado, são divulgados, como estratégia de marketing, os lançamentos e o estágio gradual da produção editorial de obras aguardadas. Em um misto de estratégia de visibilidade da marca e atuação política alternativa graças ao conteúdo manifesto, as redes sociais são um eixo de ação da Boitempo em seu objetivo comercial e, contraditoriamente, político.

O blog da Boitempo ocupa destaque enquanto mídia radical. Conta com 17 colaboradores regulares e publicações de periodicidade diária. Aparece como um espaço opinativo de produção coletiva, sempre atual nas análises e críticas. Parte de uma imprensa alternativa, o blog tem trazido uma contribuição inegável na oxigenação de

uma esfera pública progressista. Além das colunas, crônicas, entrevistas, orelhas de livro e resenhas publicadas, há um espaço para dossiês temáticos, local em que são mobilizados diversos intelectuais para debater questões específicas como Feminismo e Política, Megaeventos e Liberdade e Futuro da Internet. O material mais lido do blog é o discurso do psicanalista lacaniano-marxista Slavoj Žižek para o movimento Occupy Wall Street, texto comentado e debatido por mais de duzentas pessoas. A popularidade midiática desse intelectual esloveno é algo notável mesmo no Brasil e dos seis textos mais lidos, quatro são dele. A crítica de filmes e o estilo despojado, mas não menos profundo, coloca esse pensador no rol das figuras proeminentes da editora.

No âmbito das publicações impressas destacam-se a revista semestral Margem Esquerda, que se afastando do formato acadêmico convencional agrega contribuições de autores expressivos do campo crítico e, assumindo seu protagonismo na constituição de uma esfera pública progressista; e a coleção Tinta Vermelha, que, voltada aos militantes sociais e a preço de custo, apresenta artigos sobre os temas mais atuais da conjuntura política. Nessa coleção, foram publicadas edições sobre o movimento Occupy, a respeito das mobilizações de junho de 2013, sobre o legado nefasto da Copa, debate sobre a violência policial e, mais recentemente, sobre a derrubada do governo Dilma Rousseff. O posicionamento crítico dos intelectuais nessas esferas é nítido, bem como o a posição em defesa das minorias e das classes subalternas e seus interesses. “A despeito das imensas dificuldades, precisamos agora cerrar fileiras contra a direitização do Brasil”, aponta a editora Ivana Jenkins (2016) em referência ao papel político da Editora nesses mais de vinte anos.

Mobilizando as esquerdas contra o Golpe

A Boitempo coloca-se no ano de 2016 como porta-voz da esquerda no processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, tornando-se organizadora da narrativa do processo como um Golpe de Estado. A urgência da questão mobilizou as mídias radicais da Editora e, como de costume, foram realizados diversos eventos presenciais, posteriormente compartilhados na TV Boitempo, com o intuito de debater, entre os intelectuais da casa, o grave momento político brasileiro. O espaço de denúncia foi constituído de forma bastante heterogênea e os debates passaram a contar com figuras do mundo da política, como deputados do campo progressista e representantes de

movimentos sociais. O contexto nacional, nesse sentido, motiva estratégias de disseminação das ideias dos intelectuais alternativos, o que amplia o debate da crise política na esfera pública.

Os textos de intelectuais progressistas tomaram o blog e, mesmo somando nele entusiastas apologistas dos governos petistas até opositores mais acirrados ao lulopetismo, havia uma concordância nos argumentos em torno da interpretação do afastamento forçado da presidente como um Golpe de Estado. Rapidamente, em julho de 2016, foi publicada uma edição da coleção Tinta Vermelha com o título *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil* (Jinkings, Doria e Cleto, 2016). Inicia-se nas redes sociais e no canal no youtube uma campanha robusta de divulgação das ideias do grupo, mostrando o papel contra-hegemônico da editora ao fazer frente à manipulação midiática em curso, que tentava cimentar na opinião pública a base social para a ascensão de Michel Temer e o projeto do PMDB denominado “Ponte para o futuro”.

Esse contrapoder midiático foi mobilizado pelos intelectuais progressistas ligados à Editora e o material mais bem acabado desse momento reuniu na coleção Tinta Vermelha autores como Leda Paulani, Luis Felipe Miguel, Pablo Ortellado, Roberto Requião, Rui Braga, Guilherme Boulos e Gilberto Maringoni, ou seja, um amplo espectro das esquerdas que, até mesmo, divergem entre si na caracterização do momento político e do tipo de estratégia das lutas sociais na nova conjuntura. De anarquistas, passando por membros do PT, PSOL, PCdoB, até figuras ambíguas como Ciro Gomes e Roberto Requião, o que a edição *Por que gritamos golpe?* possibilitou foi um panorama das esquerdas nesse período histórico de exceção. O objetivo do livro foi apresentar aos militantes sociais uma leitura da crise com o intuito de municiá-los para as mobilizações necessárias. A editora Ivana Jenkins apresenta o teor militante dessa obra em sua apresentação:

O combate e a derrota do governo que se apossou do Planalto se fará principalmente nas ruas, com a mobilização cívica e indignada do povo brasileiro. Só assim a luta pressionará os centros de poder. (...) As esquerdas e os democratas precisam reconstruir seu pensamento e sua ação, sem o que não terão papel no que ainda há de se enfrentar no Brasil e na América do Sul como um todo (JENKINGS, GLORIA e CLETO, 2016: 14).

Em drops rápidos no *Youtube*, compartilhados em redes como *Twitter* e *Facebook*, fica visível as estratégias de difusão dos intelectuais em ação. Sem acesso aos aparelhos privados de hegemonia do bloco histórico dominante, a Editora utiliza-se de mídias radicais para expressar ideias alternativas. No caso em tela, ao debater o Golpe, a editora se coloca no papel de intelectual coletivo e polo educativo dos ativistas, instrumento da luta política pelo resgate da democracia abalada. A própria editora denomina seus eventos como iniciativas de uma frente intelectual ampla contra o Golpe.

Expressa-se nessas iniciativas o compromisso em contribuir para a circulação de ideias em um horizonte alternativo à esfera pública hegemônica, tomada por interesses conservadores aliados do capitalismo financeiro, projetando a Boitempo como protagonista desse movimento por uma reforma moral e intelectual na sociedade. O momento de acirramento da política no Brasil, em que posições se arrefecem, pauta a produção de sentido das mídias radicais da editora, que coloca na ordem do dia a necessidade de um debate amplo sobre os rumos do Brasil. Isso porque, como aponta na apresentação da edição especial da Tinta Vermelha, Graça Costa, o Golpe não é só à democracia, mas também ao povo trabalhador, visto que, agora, políticas nefastas vão golpear ainda mais os brasileiros das classes subalternas.

Uma reforma da previdência elevando a idade mínima para a aposentadoria e desvinculando o piso previdenciário do salário mínimo. Uma reforma trabalhista que aprova a prevalência do negociado sobre o legislado, transformando, em questão de tempo, o fim dos direitos consagrados na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (JENKINGS, DORIA e CLETO, 2016: 14).

Assim, parece que a editora mobiliza esse amplo conjunto de intelectuais com a finalidade de apresentar o momento político como o início de um processo intensificado de destruição de direitos e, portanto, um cenário em que os inimigos de classe hegemônicos precisam ser enfrentados pelos brasileiros.

Considerações finais

Em linhas gerais, podemos apontar que há um forte movimento de setores contra-hegemônicos da sociedade no sentido de ampliar um debate progressista no Brasil. A Editora Boitempo faz parte desse arsenal e desenvolve, nesse sentido, um importante projeto de dar vazão à produção intelectual de acadêmicos e militantes

dedicados à causa da emancipação humana. Atenta aos novos tempos, além de publicar livros que impactam na constituição de um pensamento crítico no país, a editora também cria mídias radicais alternativas para canalizar seu ativismo na internet, cujo objetivo mais geral é consolidar uma esfera pública alternativa capaz de criar acúmulo para ações na linha de uma reforma moral e intelectual (Gramsci, 2001), tensionando a direção hegemônica.

A formação de sujeitos históricos é o desafio maior desse empreendimento comunicacional, algo que exige um engajamento público dos intelectuais progressistas afiliados à Boitempo. Eles, ao assumirem o compromisso de pensadores públicos, passam a participar de seminários, cursos, protagonizam vídeos e escrevem textos de combate. A ação desses agentes assume características pedagógicas e tencionam a esfera midiática no sentido de questionar os valores hegemônicos e os consensos cimentados no senso comum.

Mesmo sem um programa claramente identificado, o fato é que ao mobilizar intelectuais de esquerda e coloca-los para discutir as temáticas nacionais, a editora assume para si a organização de uma rede alternativa de ideias, organizando aspectos de uma cultura acadêmica voltada para luta. Nesse ínterim, o momento teórico da práxis passa a ser um relevante objetivo desse projeto. “A Boitempo nasce e vive inspirada por antigos e sempre novos ideais de liberdade e justiça, que nos proporcionam esperanças robustas e exemplos magníficos de combatividade”, apontou o filósofo Leandro Konder em um vídeo comemorativo dos vinte anos da editora. Ele foi um importante entusiasta e colaborador dessa iniciativa editorial e política.

Referências

BEIRED, José Luís Bendicho. “A função social dos intelectuais”. In: AGGIO, Alberto (org.). **Gramsci: a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp, 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, V.1. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do cárcere**, V.2. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.

- IANNI, Otávio. **O Príncipe Eletrônico**. Perspectivas, São Paulo, 22: 11-29, 1999.
- JINKINGS, Ivana, DORIA, Kim e CLETO, Murilo (Org.). **Por que gritamos golpe?** São Paulo: Boitempo, 2016.
- JINKINGS, Ivana. **Tecendo em Reverso**. Entrevista concedida para Juliana Gobbe. Disponível em <http://www.boitempoeditorial.com.br/v3/Noticias/visualizar/4485> . Acesso em 25/09/2016.
- LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.
- MORAES, Dênis de. **Crítica da mídia & hegemonia cultural**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2016.
- OLIVEIRA, Francisco. **Intelectuais, conhecimento e espaço público**. Revista Brasileira de Educação, n. 18, set/out/nov/dez, 2001.
- PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- STHENDAL. **Napoleão**. São Paulo: Boitempo, 1995.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.